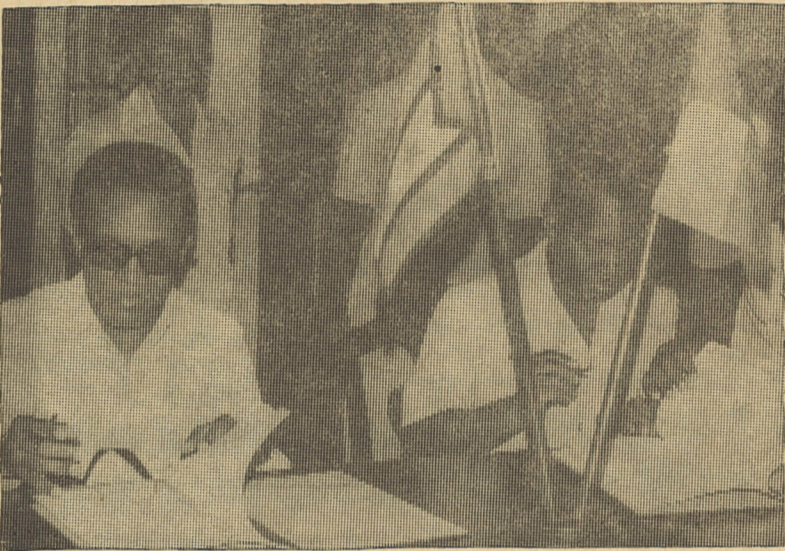




NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU



Na gravura, os chefes dos governos da Guiné-Bissau e de S. Tomé e Príncipe, camaradas Francisco Mendes e Miguel Trovoada.

O 1.º ANIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DE S. TOMÉ E PRINCIPE

O povo irmão de S. Tomé e Príncipe festejou ontem, 12 de Julho, o primeiro aniversário da sua independência. Fruto da luta dirigida pelo Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe (M.L.S.T.P.) contra o colonialismo português, a jovem República Democrática de S. Tomé e Príncipe caminha hoje para um futuro verdadeiramente, livre, construindo no dia a dia a sua independência económica.

A propósito do primeiro aniversário da R.D.S.T.P., o camarada Presidente Luiz Cabral enviou a seguinte mensagem ao camarada Presidente Manuel Pinto da Costa:

«Por ocasião do primeiro aniversário da República de S. Tomé e Príncipe, é com grande emoção que, em nome do nosso povo, do Conselho de Estado e em meu nome pessoal, dirijo ao povo saotomense irmão, aos seus dirigentes e, em particular, ao camarada Presidente, saudações calorosas, felicitações sinceras e a expressão da nossa certeza no futuro de progresso da vossa Pátria.

Estamos certos que continuando a servir o ideal que uniu sob a mesma bandeira durante os longos anos de luta difícil e gloriosa pela libertação e progresso dos nossos povos irmãos, os nossos dois estados independentes encontrarão formas avançadas de uma cooperação estreita e frutuosa em todos os domínios, mantendo e reforçando a nossa velha camaradagem, amizade

sincera e solidariedade sem falhas, na luta anticolonialista, antineocolonialista e anti-imperialista, pela libertação total, unidade e progresso da África, ao serviço da Humanidade». (VER

(VER CENTRAIS)

LIBANO: NOVOS COMBATES EM BEIRUTE E ARREDORES

BEIRUTE (TASS) — Prosseguem os combates opondo as partes implicadas no conflito no Líbano. Operações militares de envergadura foram empreendidas em Beirute e nos seus subúrbios, no distrito de Kura, no norte do país e nas regiões da montanha de Aley e de Kahale, situadas a leste da capital. Os bairros ocidentais de Beirute, controlados pelas forças nacionais patrióticas, estão a ser bombardeados. Os habitantes destes bairros não deixam praticamente os abrigos. Estão privados

Presidente Agostinho Neto denuncia RACISTAS ATACAM O SUL DE ANGOLA

LUANDA (AFP) — Forças Armadas sul-africanas penetraram em território angolano, declarou o Presidente Agostinho Neto, comandante em chefe das Forças Armadas angolanas.

O Presidente angolano declarou que «há dois ou três dias» as forças sul-africanas atravessaram a fronteira de Angola com a Namíbia, onde «a nossa organização militar teve, de novo, que enfrentar os grupos sul-africanos».

O Presidente Neto declarou que as forças sul-africanas queimaram três aldeias e «feriram um cidadão angolano». Declarou igualmente: «Temos que nos defender quase todos os dias contra os nossos inimigos». Muito concretamente, as nossas fronteiras ao norte e sul foram violadas».

A nova agressão sul-africana, denunciada pelo Presidente Agostinho Neto, é a primeira a ser especificamente citada, desde a retirada formal do território angolano das tropas regulares sul-africanas a 27 de Março, embora tivessem sido feitas algumas referências a violações da

fronteira sul, pelo Presidente e pelo seu ministro da Defesa, comandante Iko Carreira.

A acção sul-africana surge alguns dias depois da publicação, em Luanda, de um comunicado de guerra pelo movimento namibiano de libertação Swapo (Organização dos Povos do Su-

doeste Africano), anunciando a destruição pelos guerrilheiros namibianos da Swapo denuncia o apoio fornecido pelas forças «sul-africano-Unita», em Ombo-oka, na Namíbia. Nesse comunicado, a Swapo denuncia o apoio fornecido pelas forças sul-africanas na Namíbia, a certos «bandos militares da Unita».

Combate à sabotagem

Para combater a sabotagem económica, o Conselho da Revolução da República Popular de Angola aprovou uma lei que pune os delitos anti-económicos com prisão maior de dois a oito anos.

Os artigos contidos nessa lei definem o que é a sabotagem económica como sendo «a prática de actos lesivos da regular evolução do processo revolucionário, no domínio da economia nacional, tais como os desvios de mercadorias para outros fins e outros destinos dos ordenados pelos serviços afectos aos assuntos económicos, dados a conhecer aos mesmos ou previstos em diplomas legais».

Fuzilados 4 mercenários

PARIS (AFP) — Os quatro mercenários condenados à morte, em Luanda, pelo Tribunal Revolucionário Popular, a 28 de Junho — três de nacionalidade britânica, e um de nacionalidade americana foram executados, anunciou no sábado à noite a radiodifusão angolana num curto comunicado.

Os quatro homens, Costas Georgiou, dito «Tony Callan», John Derek Barker, Andrew Gordon McKenzie e Daniel Francis Gearhart, foram fuzilados num campo militar.

Médicos chineses chegaram a Bissau

Chegou ontem a Bissau, no fim da manhã, o primeiro grupo de médicos chineses que vem trabalhar no nosso país. A chegada faz parte de um acordo que foi assinado no dia 12 de Maio último e que prevê a vinda de 17 médicos. Eles trabalharão no Hospital Regional de Cantchungo, na Região de Cacheu e no Hospital de Morés, na Região de Oio.

O grupo é constituído por sete médicos de especialidades diferentes. Está prevista para hoje a chegada do último grupo, composto por dez pessoas. Os chineses foram recebidos no Aeroporto de Bissalca por um representante do Comissariado de Estado da Saúde e Assuntos Sociais.

● **Tanzânia e Ilhas Maurícia boicotam Jogos Olímpicos** (P. 8)

● **A musica do Cobiana da repressao Colonial ao Festival de Bissau** (CENTRAIS)



Vasco Cabral e Otto Schacht, representantes do Partido no «dia do pescador»

SOVIETICOS COMEMORAM O DIA DO PESCADOR

«O Dia do Pescador Soviético» foi comemorado anteontem, domingo, em Bissau. A representação do Ministério de Pesca da União Soviética ofereceu, à noite, uma recepção num dos hotéis da cidade. Todos os pratos servidos, lulas, camarões, polvos, eram feitos com o produto da pesca no mar da Guiné-Bissau. Cinquenta pessoas compareceram á recepção. Os camaradas Vasco Cabral e Otto Schacht, ambos do Comité Executivo de Luta, estiveram representando o

Partido e o Estado, juntamente com José Turpin, do Conselho Superior da Luta.

O representante do Governo soviético na Companhia de Pesca Estrela do Mar, Petrov, explicou, no início da festa, o significado desse dia no seu país. Falou sobre a importância do fornecimento de peixe à população da Guiné-Bissau feito pela companhia e da criação de novas empresas pesqueiras para o desenvolvimento da pesca no nosso mar.

TCHADA

COMITE DE BAIRRO INICIA RECENSEAMENTO

O Comité do Bairro de Tchada iniciou no domingo passado um recenseamento da população que prosseguirá nos fins de semana seguintes. O objectivo desse trabalho é facilitar o controle das actividades do bairro e o fornecimento de géneros alimentícios à população. Devido a falta de impressos, apenas dois integrantes da juventude do bairro puderam participar nos trabalhos, indo de casa em casa com o mínimo de papel conseguido.

Segundo o presidente do comité, camarada Inácio Soares de Carvalho, já havia sido feito em Abril do ano passado um trabalho semelhante. Naquela época, além das casas não serem ainda totalmente numeradas, os dados registados eram restritos. Foram utilizados nas compras de géneros alimentícios no Armazém do Povo pelas famílias do bairro, meio quilo de arroz por pessoa, e no controle dos que se mudem e dos que passam a morar no bairro.

«Com esse recenseamento teremos informações básicas sobre cada morador. O bairro necessita de uma vigilância. E a melhor maneira de evitar a saída de gé-

neros do nosso Armazém para outros bairros é fazer um recenseamento completo das famílias. O trabalho também é importante no contróle do pagamento de quotas do Partido».

As quotas do Partido não têm sido pagas em dia. As pessoas atizam o pagamento ou simplesmente não pagam. «Por isso, há meses, o comité não conseguiu pagar a renda da sua sede. Ainda estamos aqui porque o dono da casa é um dos homens activos da organização do Partido no bairro e não tem exigido o dinheiro como qualquer pessoa faria».

Inácio Soares de Carvalho disse que existe um projecto de obra para a construção do novo prédio do comité. «Formamos os adobes em Fevereiro e compramos cimento para o início do trabalho. Ficamos esperando a autorização das Obras Públicas. Mas o pedido foi indeferido. Aconselharam-nos a esperar até pudéssemos construir um prédio melhor, pois uma casa de adobes iria contrariar o projecto de urbanização da nossa capital. O Commissariado das Obras Públicas prometeu-nos auxílio».

Os blocos que tinham sido preparados foram desfeitos pela chuva. Mas a partir do próximo fim de semana o comité tenciona começar a formação de blocos de cimento. Moradores do bairro irão trabalhar voluntariamente. Esperamos concluir a obra em Setembro do próximo ano».

PRABIS TRABALHO VOLUNTARIO

Mais de 300 pessoas participaram, anteontem, numa jornada de trabalho voluntário na Granja de Prábis. Apesar da chuva, os funcionários públicos não desistiram do seu projecto. Às nove horas chegaram ao local os trabalhadores do Comité de Estado da região de Bissau, dos sectores de Biombo, Prábis e Safim. Durante o dia, provaram, na prática, que é possível unir o trabalho intelectual ao trabalho na lavoura.

As tarefas foram orientadas por Paulo Correia, Presidente do Comité de Estado da região e deram bons resultados. Os trabalhadores conseguiram lavar e semear mancarra num campo de grande extensão. Homens, mulheres e crianças pegaram em vários instrumentos agrícolas pela primeira vez. E, mesmo sem prática, os funcionários públicos fizeram um bom trabalho. As pessoas estavam animadas e não se preocuparam muito em saber se tinham ou não jeito para esse tipo de actividade.

Antes de terminar o dia, o Presidente do Comité explicou o si-

continua na pg.º 8

RESPONDE O POVO

Como aumentar a produção agrícola?

O País precisa produzir mais para importar menos. Está sendo estudada a desmobilização de membros das FARP para o trabalho no campo. Eventualmente, trabalhadores de alguns commissariados poderiam também ser encaminhados para zonas agrícolas, numa tentativa de aumentar a produção. O Commissariado de Obras Públicas já tem pronta uma lista de operários que poderiam ser abrangidos por essa medida. Qual a opinião da população sobre isso? Quem apresenta sugestões, Alguém é voluntário para o trabalho na agricultura?

Pedro Estevão de Pina, 35 anos, ex-empregado da Sociedade de Pesca Guineo-Argelina: «Acho que o Estado devia dar-nos ajuda económica e material para podermos trabalhar no campo, a fim de aumentar a nossa produção agrícola. Depois com o que produzirmos, com o suor do nosso trabalho, iríamos pagando pouco a pouco. Seria bom que o Estado desmobilizasse alguns soldados das FARP. Como a guerra já acabou, acho que não são necessários muitos soldados aqui. Em vez de ficarem sem fazer nada, poderiam ir para o campo trabalhar. Deveriam produzir alimentos de primeira necessidade: arroz, mancarra, milho, batata, mandioca, cebola. Tudo em quantidade suficiente para o consumo do país, para ver se impor-

tamos menos e exportamos mais. Eu saí do meu emprego para ir trabalhar no campo. Quero dar o máximo do meu esforço a ver se planto muito para o nosso país».

Augusto Lopes, 36 anos, lavrador «Devemos trabalhar muito para poder aumentar a nossa produção agrícola. Não é só aumentar a cultura do arroz, mancarra, também deve-se cultivar a mandioca, o milho, a batata, tudo o que for possível. Acho que o Partido faria muito bem se mandasse alguns soldados das FARP e pessoas de outros Commissariados para o campo. Isso, porque penso que a cidade depende daquilo que o campo produz para poder se manter. Como o Estado está numa situação económica difícil, acho justo que mobilize

as pessoas para o campo. Pessoas que não desprezem o trabalho agrícola e que façam o máximo possível para aumentar a nossa produção, pelo menos do que for de primeira necessidade. Eu estive no aquartelamento de Bafatá, mas como já começou a chuva vou para a minha terra lavar».

Joana N'Chamá, 46 anos, vendedora no mercado público: «Como já começou a chover, penso que todos nós devemos pegar na lavoura e trabalhar muito em vez de ficar sem serviço a passear. Devemos todos ir para o campo trabalhar, pois a nossa terra é muito rica para agricultura. Por exemplo, cultivar em grande quantidade o arroz, a mandioca, o milho, e a batata. Tudo isto faz parte da nossa alimentação. O nosso Estado se pensasse em desmobilizar certas pessoas para o campo faria muito bem, porque a agricultura é a maior fonte de riqueza do país. Devemos trabalhar muito para aumentarmos a nossa exportação e diminuir a importação, pelo menos dos géneros alimentícios».

NO PINTCHA

Orgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo Trisemanário Nacional de Informação.

Sai às Terças, Quintas e Sábados.

Preço: 2,50

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400,00

6 meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

1 ano 500,00

6 meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» — Rua António N'Bana, telefone 2520

AMANHA — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2888/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG_B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas:

NOTICIÁRIOS:

Às 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA

Às 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — Às 18 h e 30 min — filme a anunciar, e às 20 h e 45 min. — «MUITO OBRIGADO SR. SCROOGE» — m/10 anos.

AMANHA — Às 20 h 45 min. — «MUITO OBRIGADO SR. SCROOGE» m/10 anos.

CABO VERDE

Relações com o Senegal SITUAÇÃO DE ESTABILIDADE PARA TODOS OS CABOVERDIANOS ESPALHADOS PELO MUNDO

O ministro da Economia da República de Cabo Verde, camarada Osvaldo Lopes da Silva, analisa, numa entrevista concedida ao jornal «Voz Di Povo» após a sua chegada do Senegal, a importância dos acordos assinados com aquele país, para os cidadãos caboverdianos residentes no Senegal.

«A sua importância é que um caboverdiano que está estabelecido no Senegal e que pretende fixar a sua residência nesse país para aí viver, encontra hoje todas as facilidades para isso.

É verdade que o Senegal deu sempre essas facilidades aos nossos cidadãos. Um caboverdiano vivia no país como se fosse um senegalês, mas às vezes havia certas dificuldades na prática porque, se é verdade que beneficiaram de facilidades, estas cada vez tinham de ser conseguidas por despachos. Um caboverdiano fazia o seu requerimento, que subia a determinado ministro ou ao Presidente da República e porque era caboverdiano essa facilidade era-lhe concedida, mas não que por lei tivesse direito a isso.

Agora os caboverdianos ficam a beneficiar por lei de uma situação de estabilidade, de favor em relação a outros que se encontravam no Senegal e que não beneficiavam desses mesmos privilégios.

Isso tem outro efeito bastante positivo, que é o efeito político a nível das nossas gentes que sentirão, de facto, que o Governo de Cabo Verde defende os seus interesses.

A política do nosso Governo tem sido no sentido dos interesses dos nossos nacionais, porque houve uma parte deles no Senegal que não teve uma relação correcta com o nosso Governo, porque certamente pensaram que

ele não iria interessar-se pelos seus problemas particulares.

A assinatura dessa convenção vem demonstrar todo o interesse que Cabo Verde dedica à situação dos seus cidadãos que estão espalhados pelo Mundo e, em participar, no Senegal.

Ele tem interesse em que os caboverdianos que estão fixados nesse país gozem de uma certa estabilidade porque, caso contrário, eles têm a tendência em sair dali para outros sítios, outros quererão regressar a Cabo Verde onde nos viriam criar problemas de empregos.

Mas, assim, estando eles fixos naquele país e gozando dos mesmos direitos que qualquer cidadão senegalês, é um factor de estabilidade interna, não só para o Senegal como também para Cabo Verde.

Nós não pretendemos vermos a braços nunca mais com um problema como aquele que tivemos quando um grande número de caboverdianos veio de Angola porque tinha sido criada uma situação de instabilidade naquele país.

O nosso interesse é criar uma situação de estabilidade a todos os caboverdianos em qualquer parte do mundo onde estiverem. Isto faz parte da nossa política, do nosso dever como Estado, que é o de proteger os nossos cidadãos em qualquer parte do mundo onde estiverem.

O camarada Osvaldo Silva falou também sobre a audiência que teve com o Presidente da República do Senegal, quando da sua estadia naquele país, nesses termos:

«O Presidente senegalês expressou todo o seu apreço e admiração que tem pelo povo de Cabo Verde pela contribuição que o mesmo tem dado para a solução dos problemas do Senegal. Ele pessoalmente tem uma grande amizade para com os caboverdianos.

«Com o Presidente Senghor, disse, passámos em revista problemas da actualidade africana, particularmente os problemas do Sahara e da África Austral. Analisámos também o problema da defesa dos nossos patrimónios marítimos, a que as autoridades senegalesas dão uma grande importância, e chegámos sempre a conclusão de que existe uma grande identidade de pontos de vista entre os governos de Cabo Verde e Senegal.

«O Presidente Senghor tem um grande apreço pelo camarada Aristides Pereira, tem também um grande apreço pela política internacional que temos levado a cabo. Ele considera-o como uma política bastante acertada e que tem contribuído e que contribuirá cada vez mais para aumentar o prestígio de Cabo Verde. Ele sente-se mesmo sensibilizado pelo facto do Governo de Cabo Verde ter feito todo o esforço para diminuir a tensão nesta área africana e para criar um clima de entendimento entre todos os governos».



Amílcar Cabral

O aparecimento do capitalismo

[...] «Por isso, por exemplo, é que a gente da nossa terra, não quer deixar a sua vaca, nem matá-la para comer, porque isso, para ela, é uma moeda, é como dinheiro no banco. Até que o homem descobriu o ouro, que é um metal importantíssimo, porque não se estraga. Há séculos que mantém o seu valor e é muito bonito. Então o ouro passou a ser a base fundamental para a moeda. A melhor moeda, a moeda de mais valor, é o ouro. Valor que se pode trocar por qualquer outro valor, por qualquer outra mercadoria. Este problema da troca, de vender, de tomar, de levar, de trazer, começou a fazer aparecer no meio da sociedade feudal, gente cujo trabalho, era só tomar aqui, levar lá, trocar por outra coisa, etc.. Apareceram os comerciantes. No começo, os comerciantes de qualquer sociedade humana, na Europa e na África, o máximo a que tinham chegado, era como os «djilas» da nossa terra, comerciantes ambulantes, que garantiam a troca de produtos, duma área para outra.

No começo mesmo da troca, os homens faziam a troca sem se verem. Por exemplo, eu sou da bolanha, produzo arroz, um outro é da montanha, faz outras coisas. Eu vou com um balaio de arroz, ponho-o num sítio, deixo-o lá, o outro traz o seu produto, toma o arroz, leva e deixa outra coisa, por exemplo, peles; eu venho e tomo. Trocavam as coisas sem se verem, porque tinham medo da guerra. Esse foi o primeiro tipo de comércio que houve na vida do homem.

Esse de que falei, já é avançado, o comércio ambulante. Mas comércio, comércio, é quando eu tomo num sítio, levo e dou a outro, no caminho ganho dinheiro, tenho trabalho, ganho um bocado. E pouco a pouco, começo a juntar valores, ou em moeda ou em bens. Começo a fazer capital.

Em todas as sociedades feudais, depois dum certo tempo, começa a aparecer gente, que junta moedas ou valores, que rendem outras moedas ou valores. Acumulação primitiva do capital, primeira acumulação do capital. Por exemplo, na nossa sociedade manjaca, quando os tugas chegaram, é muito provável que já houvesse gente — porque havia «djilas», comerciantes ambulantes, havia feiras todas as semanas, ora num lugar, ora noutro — que começava a acumular capital para passarem da sociedade «feudal» manjaca, mais ou menos «feudal» porque o feudalismo em África era muito diferente do da Europa) para, pouco a pouco, chegarem à sociedade capitalista. Quer dizer, os camaradas vêm, que na sociedade feudal, passou-se para a sociedade capitalista. Através de muita luta, de muita transformação, até de algumas revoluções e guerras.

Hoje, está estabelecido que o avanço da sociedade capitalista, que é o maior avanço de todos os tempos da história da humanidade, pois o capitalismo foi, até hoje, o tipo de economia humana que mais avanço trouxe para a sociedade humana. Está estabelecido hoje, dizia eu, que o avanço do capitalismo, só pode dar um outro tipo de sociedade, a sociedade socialista. E, pode dizer-se que as condições favoráveis para o socialismo nasceram dentro do capitalismo.

Com o desenvolvimento muito grande das forças produtivas, com a criação de grandes massas de trabalhadores, tanto nas cidades como no campo, com a dominação grande do valor da agricultura, como elemento de economia para passar à indústria, e particularmente, com a concentração do capitalismo nas mãos de alguns grupos, com a criação daquilo que se chama os monopólios (quer dizer, pouca gente com muitas coisas nas mãos, para dominar a economia dentro de uma terra), essas condições do capitalismo é que deram lugar ao imperialismo e que abriram caminho, segundo a opinião de algumas pessoas, para a criação da sociedade socialista.

O PAÍS

Taça da Guiné-Bissau Ténis-Sporting Bolama-Farim nas meias-finais

Nos quartos de final para a Taça da Guiné-Bissau, realizados no fim de semana, no Estádio Lino Correia, a Estrela Negra de Bolama derrotou o Desportivo de Cantchungo por dois a zero. O Sporting de Bissau eliminou o Desportivo de Tombali por cinco bolas a uma e o Desportivo de Farim derrotou o Sport Clube de Bula, por cinco a três: Estes últimos, empataram a zero bolas nos 90 minutos regulamentares. Nos 30 minutos de prolongamento tornaram a empatar, dessa vez a uma bola: O resultado final foi obtido pela marcação de grandes penalidades.

Para as meias finais, na próxima quarta-feira, jogam às 18 horas, o Ténis Clube com o Sporting de Bissau e às 21 horas Estrela Negra de Bolama com o Desportivo de Farim, disputando-se a final no sábado, às 21 horas, entre os vencedores destes jogos.

PEQUENOS ANUNCIOS

AGRADECIMENTO

Marido, mãe, irmão e cunhado, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que os acompanharam e os pesaram por telegramas, cartas ou qualquer outro meio, pela morte da esposa, filha, irmã e cunhada, Maria da Ressurreição Branca.

VENDE-SE

Aparelhagem sonora composta por: um gravador Philips-N2408; um gira disco Philips; duas colunas Kenwood 52W de saída; duas colunas Sharp 32W de saída; um album com 16 discos LP; um album com 24 cassetes gravadas; um auscultador Sharp. Os interessados devem contactar pelos telefones 3121 ou 2851 ou 3099 a qualquer hora do dia.

VENDE-SE

Automóvel marca «Simca 1501 super» com gravador e rádio, tudo em bom estado. Os interessados devem informar-se na Rua n.º 15 — n.º 29.

VENDE-SE

Caixa de congelação grande a funcionar em boas condições. Preço acessível. Tratar com Manuel Estácio, residente na Rua 13 — n.º 14 — 1.º Esq.º ou pelo telefone 2640.

VENDE-SE

Uma caixa frigorífica e uma balança automática marca «Rumão», todas em bom estado. Tratar na Av. Caetano Semedo AC-188.

AVISO

Os Serviços de Higiene e Combate às Grandes Endemias, em Cantchungo, avisa os pais de todas as crianças que tomaram a 1.ª dose da vacina mista contra a Difetria Tétano e Tosse Convulsa, que a 2.ª dose da mesma, terá lugar na próxima quarta-feira dia 14 do corrente, na sua tabanca (antiga misão de sono).

A MUSICA DE COBIANA DJAZZ

DA REPRESSÃO COLONIAL AO FESTIVAL DE BISSAU

A primeira vez cantaram na rádio. Começaram improvisando, descobrindo os instrumentos. Iam desafiar o Governo colonial. Provar que era possível cantar em crioulo. Com o tempo ficaram famosos. Transformaram-se num conjunto nacional e chegaram perto do povo. Ninguém nas tabancas ficou surpreendido quando o Cobiana Jazz ganhou o festival de Bissau.

Eles já não pareciam os meninos que começaram em 71. Eram quase outro conjunto, com pessoas diferentes, com novos recursos de trabalho. Só um deles permanece ligado ao passado. É Aliu Bari, o chefe da orquestra. Viveu a história do Cobiana. Fundou o conjunto com José Carlos, que já saiu do grupo. É o único que conhece tudo desde o início. Organizou as seis pessoas que foram lançadas no programa de rádio «De Manhã Começa o Dia».

Isso foi na época de Spínola. O Governo era forte e tentou impedi-los de trabalhar. Não adiantou. Queriam tocar música nacional. Conquistar o público para sabotar o programa político do Governo. Foram apoiados por um locutor da rádio e conseguiram gravar algumas músicas. Os seus instrumentos eram pouco diversificados: três violas, um gongomá e dois tambores emprestados.

Entre eles havia dois líderes políticos que orientavam o trabalho. Aliu Bari e José Carlos tinham uma visão mais geral da realidade. Achavam importante desenvolver a música nacional. Negar o tipo de música que existia na época. Era tudo divulgado de acordo com os padrões coloniais. A música angolana influenciava as zonas rurais. Na cidade, todos estavam condicionados pelo gosto musical americano, ouviam Roberto Carlos e o som negro dos Estados Unidos.

Esses foram as primeiras referências do conjunto para iniciar um novo trabalho. Muitos nunca tinham tocado um instrumento. Sabiam que a música era um factor importante de mobilização e resolveram começar. Conseguiram o salão do Sporting para ensaiar e aprenderam a usar a viola com alguns conhecimentos do folclore local.

— O nosso objectivo foi mostrar ao público que a Guiné também tem uma personalidade musical. As pessoas estavam convencidas que não existia música da Guiné. Estavam acostumadas

ao ritmo importado. Tentámos mostrar uma realidade diferente e contribuir para o desenvolvimento da música nacional. Era importante combater o colonialismo, identificar o nosso trabalho com a linha do PAIGC. O Governo exercia um controle muito rigoroso e impedia contactos com os grupos musicais de outros países. Apesar disso, conseguimos o apoio da população. A nossa força na cidade eram os estudantes.

— Em pouco tempo a repressão começou. Aniquilou o grupo depois de quatro meses. Três componentes do conjunto foram presos e alguns chegaram a ficar 20 meses na prisão da PIDE. Um deles foi conduzido para a Ilha das Galinhas, onde funcionava um campo de concentração. Perante a desorganização, o regime colonial tentou obter lucros políticos. Quem não foi preso tinha pouca formação política, pouco envolvimento na luta.

— O conjunto continuou, mas com outras características. Fazia músicas de amor, distanciava-se cada vez mais dos temas políticos. Só quando saímos da prisão, o esquema se alterou. Mas o conjunto só conseguiu reorganizar-se em 74. A maioria das pessoas foram expulsas. Ficaram só dois que haviam participado na fundação e eram analfabetas. Essas não eram responsáveis pelo comportamento político do conjunto.

CULTURA POPULAR

O trabalho do Cobiana começou de coisas simples: era preciso mostrar às pessoas que não deviam ter vergonha de ser negras. A população das tabancas precisava saber que era determinante na riqueza cultural do País. Cantar podia ser uma forma de chegar mais perto. Era difícil. Os músicos do Cobiana não tinham conhecimentos técnicos. Faziam um esforço para se expressar musicalmente. E a população reagiu bem. Gostou da música. Mesmo quem lutava contra o PAIGC sentia alguma coisa quando o rádio tocava uma composição do Cobiana.

A segunda fase do conjunto começou em 74. O Partido ainda não estava no poder, mas no ambiente social transpareciam diferenças. Era permitido falar directamente sobre os actos do regime colonial. E o Cobiana resolveu contar essa história. Explicar para a população algumas coisas que tinham acontecido durante o colonialismo.

A partir dessa época, os seus vínculos com o Partido aumentaram. A sua música reflectia a preocupação constante de difundir a luta do PAIGC. No entanto, vários grupos já faziam a mesma coisa. A música política tinha novas formas de expressão na Guiné. Era comum um conjunto fazer apresentações com músicas sobre a luta de libertação e os heróis nacionais.

— Depois da independência tentámos fazer um intercâmbio com as pessoas que tinham feito música nas zonas libertadas. Era uma experiência importante para quem ficou na cidade. Nas zonas libertadas a música já estava em outra fase. A criação era muito mais livre. As influências coloniais na região já não eram sentidas com tanta intensidade e começava a surgir a música nacional. Esse contacto foi bastante enriquecedor. Complementou a nossa visão do País.

— Pretendemos desenvolver um trabalho baseado nas raízes culturais do povo. Falta muito para conseguir alcançar essa meta. Estávamos na fase da pesquisa, de voltar às origens e conhecer todas as características musicais das diferentes etnias. Com isso será possível retomar a cultura popular.

— É uma tarefa difícil tentar acompanhar a cultura do povo. Muitos conjuntos procuram simplificar a complexidade do problema. Alguns cantam em crioulo e utilizam melodias estrangeiras, não resolvem nada. Ainda não se convenceram que dessa forma é impossível fazer um trabalho sério. Eles têm medo de perder o sucesso. Como os recursos da Guiné são muito pobres, acaba sendo mais fácil importar a música do exterior, em vez de contribuir para a criação.

VALORES NACIONAIS

A música da Guiné tem origens diversificadas. Várias etnias estão presentes no som difundido entre o povo. É muito cedo para tentar a fusão desses ritmos. Para fazer um trabalho de recriação baseado nesse tipo de música é necessário um conhecimento profundo. Existem várias formas musicais e interpretações características. O Cobiana quer iniciar esse trabalho.

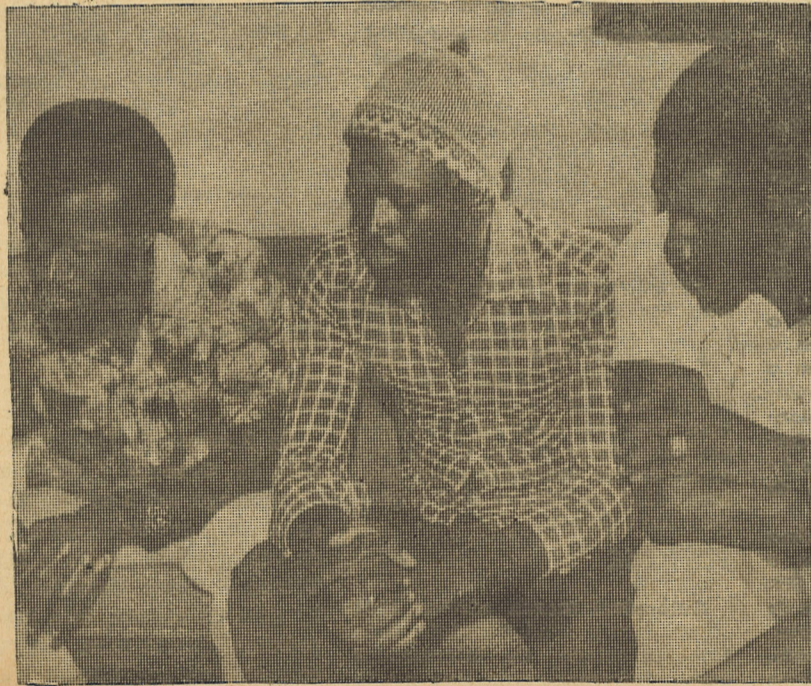
Como conjunto nacional, a sua música começou a ter outros efeitos junto ao público. Eles não querem apenas cantar em crioulo com instrumentos modernos. Afirmando uma posição política deixou de ser tão difícil como no período colonial. Antes, só falavam do cotidiano da população. Hoje, têm novas perspectivas: divulgar a música da Guiné em todos os países do continente.

— Uma preocupação permanente no nosso trabalho é tentar libertar a música das influências estrangeiras. De um modo geral, vários tipos de música tem uma penetração muito forte na Guiné. Alguns países conseguem impôr o seu ritmo de forma mais generalizada: Tanzânia, Quênia, Congo e Guiné-Conakry. Nesses países

(Continua na pag. 6)



O «Cobiana Jazz» no festival nacional: a vitória da música política



Aliu Bari, o líder, Tunú e Carlitos, músicos do conjunto



O 1.º aniversário de S. Tomé e Príncipe FAZER A PARTIR DO COL

«O colonialismo deixou-nos com os alicerces podres e comprou construir sobre essas ruínas um novo MLSTP e da República Democrática de S. Tomé e Príncipe. Manuel Pinto da Costa, referindo-se à independência.

«Conquistar a independência, foi uma luta dura, cheia de sacrifícios, que chupou o sangue do nosso povo, destruiu vidas humanas, desagregou famílias, levou os filhos da nossa terra a abandonarem os seus lares fugindo à morte, buscando uma vida menos desumana noutras terras», recordou o Presidente Pinto da Costa.

S. Tomé e Príncipe, um ano de independência. «Resta-nos agora enfrentar uma luta ainda mais difícil. O colonialismo deixou-nos sem nada. Hoje, somos nós mesmos a governar o nosso destino. Isso representa sem dúvida um grande passo, mas não quer dizer que já acabámos com a miséria, a fome, o desemprego, a doença e analfabetismo».

Durante doze meses, o MLSTP e o Governo da jovem República Democrática tiveram apenas tempo para conhecer melhor as realidades do país, fazer o balanço da pesada herança colonial. Qual é a situação actual? Responde ainda o Presidente Pinto da Costa: «Não é segredo para ninguém que a nossa única fonte de riqueza, pelo menos a mais importante que possuímos até agora, é a agricultura. O avanço ou atraso da jovem República, o sucesso da reconstrução do nosso país depende do desenvolvimento do sector agrícola». Como seria de esperar, devido ao abandono a que os colonialistas deixaram S. Tomé



O camarada Manuel Pinto da Costa, Presidente do MLSTP e da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, usando da palavra nas cerimónias que há um ano assinalaram a independência do país.

1.º aniversário da independência de Príncipe

SURGIR UM PAÍS NOVO SAIR DAS RUINAS DO COLONIALISMO

uma casa completamente destruída, totalmente descoberta. Teremos de sair de um país novo», declarou o Presidente Democrática de S. Tomé e Príncipe, face à situação no seu país, depois

de Príncipe, as produções agrícolas das ilhas baixaram todas, este ano: cacau, copra, café, óleo de palma. O país continua a ter que importar milho, feijão e batata, que podem cultivar na terra. Não há indústria, a actividade comercial é fraca.

Um longo caminho terá que percorrer ainda o povo de S. Tomé e Príncipe, dirigido pelo MLSTP e pelo Governo da jovem República. Um longo caminho para, conquistada a independência, construir-se agora a independência económica. O Presidente Pinto da Costa fala da luta actual, que continua:

«Hoje, com as nacionalizações das propriedades agrícolas, a terra pertence àquele que a trabalha. Infelizmente essa ideia ainda não entrou na cabeça de todos os nossos trabalhadores. Alguns comportam-se ainda como se estivessem a trabalhar para os antigos Patrões. Eles ainda não compreenderam que a agricultura é até agora a única fonte da nossa riqueza. Se não aumentarmos a nossa produção agrícola não estamos em condições de poder viver como um país independente. É necessário que, cada trabalhador, cada homem, cada mulher e cada jovem do nosso país, se compenetre da seguinte realidade: O nosso país só poderá progredir se todos nós nos entregarmos ao trabalho e ao trabalho duro. As ajudas exteriores serão bem vindas, mas não

devemos contar com elas. Um povo que espera resolver o seu problema de desenvolvimento, contando somente com ajuda do exterior, cedo ou tarde perderá a sua independência, ela cairá outra vez sob a dominação estrangeira. Muitos dos nossos compatriotas já compreenderam essa verdade. Tem-se visto nalgumas roças trabalhadores que se dedicam com o espírito revolucionário à execução das suas tarefas. Muitos já compreenderam que trabalhar duas ou três horas no mato e regressar à sua casa, significa roubar ao povo, significa pôr em perigo a nossa própria independência, significa desonrar os nossos mártires, aqueles que lutaram e morreram para que sejamos um povo verdadeiramente livre. Estamos convencidos que aqueles que assim procederem por egoísmo, por falta de consciência política, não pensam senão na sua algebeira.

O futuro do nosso país está nas nossas mãos. Se cruzarmos os braços e trabalharmos pouco, seremos nós mesmos a sofreremos as consequências. Se estivermos decididos a trabalhar com a mesma determinação com que combatemos o regime colonial fascista, então faremos de S. Tomé e Príncipe um país rico e próspero, onde cada cidadão terá o necessário para satisfazer as suas necessidades materiais e espirituais.

Porque a verdadeira independência só se conquista com muito sacrifício, disciplina e muito trabalho. Sem isso estaremos condenados, ou a desaparecer como Nação, ou a recair sobre

outra forma de dominação estrangeira.

PAIGC-MLSTP

Por ocasião das comemorações do primeiro aniversário da independência da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, o nosso país faz-se representar por uma delegação dirigida pelo camarada Rui Barreto, Comissário de Estado da Administração Interna, Trabalho e Função Pública.

O PAIGC e o MLSTP, unidos pelos mesmos objectivos, desde há longos anos que mantêm as melhores relações fraternais e de luta.

O MASSACRE DE BATEPA

Em Fevereiro de 1953, os colonialistas portugueses cometeram o mais bárbaro crime contra o povo irmão de São Tomé e Príncipe: o massacre de Batepá.

Há 23 anos, uma horda selvagem de colonos e soldados fanatizados, à testa dos quais se encontrava o então governador colonialista Carlos Gorgulho, facínora e mercenário de baixa índole, a soldo dos roceiros sedentos de uma mão de obra escrava, desencadeou contra o povo indefeso de S. Tomé e Príncipe, um dos massacres mais bárbaros jamais cometidos na história do colonialismo português. Centenas de patriotas foram barbaramente assassinados, dezenas de casas incendiadas, aldeias destruídas, homens torturados, mulheres violadas, crianças espancadas.

Ainda soam os clamores desesperados de seres queimados vivos nas suas cabanas em chamas. Ainda desfila a imagem de mulheres que, espavoridas com irrupção de soldados armados no seu quintal, desatavam a correr com os bebés às costas até serem acolhidas por uma rajada de metralhadora cujo crepitar se perdia entre as gargalhadas dos colonos felizes.

Ainda ressoam os gemidos dos 42 indivíduos asfixiados num cubículo, assim como os gritos enrouquecidos dos torturados na cadeia eléctrica. Sente-se ainda o peso dos grilhões arrastados sobre a praia de Fernão Dias,

cuja areia embebia o sangue que escorria das feridas abertas nas costas dos nossos irmãos, pelo chicote do Zé Mulato, assim como sofremos a humilhação dos homens espancados, das mulheres violadas e das crianças brutalizadas.

O dia 3 de Fevereiro simboliza a resistência do povo S. Tomé e Príncipe contra a opressão e a exploração colonial.

Ele é, sobretudo, um dia de combate, de luta, porquanto, as acções cometidas pela horda fascista fez com que pela primeira vez o povo irmão de S. Tomé e Príncipe tomasse consciência de que só com a destruição completa do colonialismo, seria possível criar-se em S. Tomé e Príncipe uma sociedade justa, democrática, verdadeiramente livre.

TRINDADE

Um poema de Alda Espírito Santo

Está aqui, um homem negro de pé, estendendo os braços lassos cansados, tonto de bater em vão a todas as portas e ter de estender os braços com os olhos injectados de sangue e angústia.

A sua história é real. Saiu duma câmara da morte. Escapou com vida, enquanto trinta dos seus companheiros morreram asfixiados, pedindo ar e água.

E isto passou-se. Foi a 5 de Fevereiro que eles morreram. E o negro, tonto de tanta ruína humana caindo desmaiado sobre os cadáveres dos companheiros mortos, despertou atordoado, correndo como ébrio para o pátio da prisão, gritando com fome e sede.

Eu chamo-me Cravid
e tenho um crime...
Nasci na Trindade
A vila condenada.

Pintava casa
nas empreitadas da cidade
Fui levado manhã cedo
e eles prenderam-me

Fecharam meu corpo
fechado de raiva
numa casa sem ar.

Camaradas de cela se cruzaram
camaradas de cela se juntaram...

E a porta de zinco ia abrindo
e sempre nascia uma esperança
de volver prá liberdade,
para o ar livre das ruas.

E a esperança saía
na porta fechada, cerrada
recebendo mais gente.

Aos vinte, trinta, quarenta,
os gritos cresciam
as bocas secavam...
E a sede, a sede aumentava
e a gente morria sem ar...

E os tiranos zombavam no pátio

Os gritos cresciam...
—Água, água, água...
Ar, ar!...
Num coro de morte
gritando p'la vida.

E a tarde caía
a noite chegava,
A gente morria...
Meia noite, hora da morte...
Os coros subiam
na noite sinistra
e corpos humanos tombavam por [terra]

— O velho, motorista Alfredo,
tu tombaste já...
Teu corpo inerte está livre
evadiu-se

E tu, Lima,
Junto ao postigo
tu pediste ar
pediste vida
e o destino escarninho
tombou contigo no chão
E o ar já não virá...

Um a um camaradas
um a um
no coro de angústia
se finaram, companheiros
no escuro de túmulos
na eterna escuridão
da esperança morta

E na manhã sinistra
de sexta-feira 6
nesse mês de Fevereiro
façédico e cruel
eu ainda tinha vida...

Dezas seis, dezasseis homens
saíram tombando, erguendo a car. [caça]

E eu fiquei,
Fiquei deitado
Meu corpo caiu sobre os mortos
na primeira revolta.
E levantei-me.

De mim, saiu outro homem.
Eu levantei maluco
e corri à porta.

Eu gritei
p'la água que não vinha
p'la fome que tinha
E escarrei ao carrasco
todo o fel
da revoluta nascente
E eles, eles, os tiranos
só, ligaram meus membros
quando o corpo cansado o consen. [tiu]

A revolta cresceu...
As lavas sufocaram os algozes
e as forças dos meus nervos
desataram as cordas!
A rebelião crescia
e os carrascos sem nome
atiraram contra mim

E os tiros vieram
e eu resisti
Eu não morri.

Juntos em redor de mim
cobriram de andaluz meu corpo
e eu não morri.

Cresco em ondas de revolta
e estou ficando louco.

Deportaram-me
mas eu já voltei...
Meus olhos não param
e eu estou de pé

A MUSICA DO COBIANA DJAZZ DA REPRESSÃO COLONIAL AO FESTIVAL DE BISSAU

(Continuação das centrais)

ses é possível produzir um som com melhor qualidade técnica. Queremos um dia, possuir os mesmos recursos e divulgar os valores nacionais no exterior. Isso será um processo longo.

— Os jovens que vão começar agora, já podem utilizar como base o trabalho que iniciámos. Para mudar a música é necessário unir as pessoas. A crítica e auto-crítica entre os grupos musicais vão produzir uma ruptura, definir uma corrente nova. Para os resultados serem transformadores, muita coisa precisa ser aprofundada. Usar slogans não é suficiente para fazer música revolucionária.

A música também exige um processo de descolonização. Na Guiné, ainda não foi definida uma forma de interpretação específica. O Cobia aprendeu alguma coisa com os grupos estrangeiros que vieram tocar em Bissau. Mas

essa aprendizagem ainda não possibilitou uma nova alternativa.

Nos festivais surgem muitos conjuntos novos. Todos eles incorporaram um pouco dos recur-

— Cantar música revolucionária é partir da realidade do povo. Conseguir expressar os sentimentos da população. Aqui, na África, a música começou com o choro, com a lamentação. E a música deve adquirir um significado semelhante à linguagem popular: da interpretação às palavras. Se não fosse assim, a música revolucionária seria uma só. Mudavam só as palavras de ordem de cada país.

— Os utilizados na Europa desenvolvida, as roupas, os gestos, os vícios. Muita coisa está na moda. Mas a moda não obedece as mesmas normas em todos os países.

— O mais importante é falar a linguagem do povo. Ajudá-lo a conhecer a realidade em que vi-

ve. Por isso defendemos a discussão entre os conjuntos no sentido de um trabalho colectivo. Seria fundamental criar uma frente entre todos os músicos que estão interessados em contribuir na descolonização. Até agora esse trabalho não foi feito. No fim da época colonial apareceu a música Ugambê — era feita por pessoas que vinham para a cidade e assimilavam os valores coloniais. Cantavam em crioulo mas distanciavam-se das suas origens. Não tinham nenhuma preocupação em falar sobre a realidade do povo.

— Sempre sentimos que é necessário aproveitar tudo. Na interpretação também. Aprendemos alguma coisa com os colonialistas. Foram eles que nos ensinaram as posições no palco. Isso não é suficiente. Deve haver uma ligação total entre forma e conteúdo. A música política exige uma apresentação especial, deve se impor de uma forma marcante. Para cantar música balanta é necessário sentir a palavra como os balantas.

— Muitos tipos de interpretação situam-se fora da nossa realidade. Por exemplo, a música de Roberto Carlos impressiona a juventude da cidade. Traz, ao país, conceitos que não se integram na cultura do povo. Só atinge as camadas privilegiadas. Para cantar é necessário ajudar o povo a libertar-se, a conhecer o seu ambiente social. Aqui não podemos falar do sonho.

RITMO IMPROVISADO

Quem faz música na Guiné, sente uma série de dificuldades. O país tem poucos recursos e não pode apoiar em pequena escala o desenvolvimento cultural. Mesmo como conjunto nacional, o Cobia sente dificuldades. Revela a falta de conhecimento teórico, desconhece os fundamentos da música.

— Ninguém na Guiné sabe escrever música. A nossa música é sempre improvisada. Até agora não foi feito nada para solucionar esse problema, mas o Governo prometeu bolsas de estudo. É preciso mandar músicos ao exterior para adquirirem uma base musical. Depois, quando voltarem, será possível desenvolver a teoria aqui mesmo, através da divulgação. Cada músico ensina ao outro os fundamentos principais.

— A rádio também não contribui para apoiar os conjuntos. Quando um grupo viaja para se apresentar em outra região, precisa pagar para a notícia ser difundida pela rádio. Isso não mudou nada. Depois da independência passamos a ter mais liberdade no trabalho, mas os recursos não evoluíram muito. O País tem muitas dificuldades e só

pode tentar resolver essas questões a longo prazo.

— Apesar de tudo, temos uma situação favorável. Como conjunto nacional, recebemos um salário fixo como qualquer funcionário do Estado. Trabalhamos só em música e temos a aparelhagem fornecida pelo Estado. O Governo tem apoiado o nosso trabalho. Uma das únicas dificuldades materiais que não foi resolvida é a obtenção de uma sala para os ensaios. Não possuímos um local fixo.

SUCESSO GARANTIDO

De vez em quando o Cobia toca gratuitamente. Isso não envolve qualquer interesse comercial. Os músicos nunca lucram nada com as apresentações. Geralmente é estipulado um preço mínimo e a receita reverte para as organizações de Juventude. Eles fazem questão de ser apenas funcionários. A maioria dos componentes ganha 7-800 pesos e o chefe de orquestra recebe 8-600 pesos por mês.

— Achemos incorreto ganhar dinheiro com as apresentações. Mas esse problema precisa ser resolvido a nível geral. Defendemos a criação de um comité de músicas para definir um preço fixo nos espectáculos. Actualmente existe concorrência. Um conjunto pede determinado preço e, em seguida, aparece outro disposto a tocar pela metade da quantia.

— Aliás, um comité desse tipo teria muita utilidade. Serviria para apoiar as actividades musicais em todos os aspectos. Poderia também prestar assistência à aparelhagem e contribuir para a colaboração estreita entre todos os conjuntos. Era uma forma de iniciar formas de solidariedade mais concretas.

Depois de alguns anos de actividades, o Cobia conseguiu gravar 18 músicas. O disco ainda não está pronto. Após contactar com vários países, o Partido deverá escolher o que oferece um preço mais acessível para a produção. O Cobia não se importa de esperar. Tem o sucesso garantido. Já foi o primeiro classificado no festival e pretende manter a sua posição.

— Os festivais contribuem para a formação da música nacional, mas não são suficientes. O estudo é muito importante e, para um festival contribuir na formação musical, deve ser bem organizado. O programa deve ser conhecido com antecedência. Os músicos devem seleccionar o material que possuem. Isso foi impossível neste festival. Fomos avisados na própria semana e não tivemos tempo suficiente.

— A nossa vitória foi justa, mas não pretendemos participar em todos os festivais. Não tem sentido. Podemos contribuir para a animação, mais nada. A nossa presença deve ser restrita aos festivais anuais, quando for escolhido o melhor grupo do país. Mesmo assim, não queremos participar nas eliminatórias. É uma questão de justiça. Na escola também é assim: o aluno que tem melhores notas fica dispensado do exame.

EDUCAÇÃO

A escola e a sua função na sociedade

A educação é uma função social e tem que progredir de acordo com a sociedade.

O mundo moderno, que neste momento se encontra lançado na conquista do espaço, produto do desenvolvimento da ciência e da técnica, confronta com o problema de não ter correspondência entre esse avanço e a escolaridade do povo.

A escola tem que romper os muros que a separam do progresso e ganhar tempo para devolver à sociedade um cidadão que evolui de acordo com esse mundo em desenvolvimento e que por sua vez traduz os seus conhecimentos em meios materiais que se revertem em benefício da mesma.

É necessário que vejamos a escola não somente cumprindo a sua função social, mas com uma visão mais ampla e maior perspectiva de futuro. A escola tem que chegar a ser o centro capaz de receber um aluno e devolver-lhe integralmente à sociedade, convertendo-o num homem capaz de penetrar na ciência e na técnica avançada, transformar a natureza, melhorar o nível de vida do povo, produzindo os bens de consumo necessários para satisfazer todas as necessidades e capaz de desenvolver os hábitos do homem novo. A escola é a comunidade educativa específica, o órgão de educação sistematizada, o lugar onde essa educação se cumpre e se ordena; é uma instituição enclavada nas entranhas da comunidade humana. Partindo deste ponto de vista pode considerar-se como:

1 — A forma de vida da comunidade, na qual se concentrou todos os meios mais eficazes para levar o jovem a participar nos recursos herdados das gerações e a utilizar as suas capacidades para fins sociais.

2 — Um dos meios de adaptação ou ajuste de que a sociedade utiliza para a sua subsistência.

3 — Uma instituição social, destinada como específico da educação para administrar a educação sistemática, e que condiciona como esfera de actividade específica, a formação e a organização de grupos por educadores e educandos.

DOS LEITORES

Carta de um ex-militar do exército colonial

«Solicito que me informem a viabilidade de poder tornar-me assinante do jornal que dirijem. Ex-alfere miliciano do Exército Colonial Português, com 23 meses de permanência no vosso país regressei à minha terra em 24 de Agosto de 1974, a escassos dias da proclamação da independência da Guiné-Bissau.

Fiz a minha comissão de serviço no sul do vosso país, estacionado na aldeia de Caboxanque: Tomei parte na primeira unidade portuguesa que ali foi colocada após a demagógica ocupação de Cantanhez, nos fins de 1972. Em Caboxanque tive a meu cargo até Janeiro de 1974 a direcção do «Reordenamento» ali levado a cabo. Colocado assim de fora da actividade operacional directa, pude de certa forma, dedicar-me quase exclusivamente ao trabalho e ao serviço de uma causa errada, colonialista e demagógicamente enganadora ao conhecimento do vosso povo, esforçando-me por sublimar a finalidade horrenda da minha presença ali, construindo, com os homens que comandeie directamente, mais e mais tabancas cobertas de zinco, erguendo escolas e postos sanitários. Sempre, com o auxílio entusiasmantes dos habitantes das aldeias. Esses, sem demagogias, apenas baseando-se num instinto de acomodação melhor no amanhã, sem que alguém lhes explicasse o que seria o seu amanhã. O tempo, dolorosamente passou e regressei a Bissau, para terminar o serviço em Safim. Foi com lágrimas nos olhos que deixei Caboxanque, a chorar o bom Quefede Bo, o Zomba, o Nalu e muitos outros.

As lágrimas nada tinham com a guerra: Traduziam apenas a tristeza que sempre se instala nos corações dos homens bons e sinceros, de povos amigos, sempre que o adeus é definitivo. Recordo-me com alegria contar em pormenor o que agora deixo escrito aos camaradas do PAIGC, com quais pude contactar em Bissau, à vista dos acordos com Arge!

Perdoem-me o tempo que vos ocupo na leitura destas linhas. Não traduzem elas uma confusão. No Portugal de 1976, talvez poucas pessoas pudessem prestar-lhes atenção. Há dois anos atrás, talvez eu próprio não sentisse a necessidade de escrever: Estou desde ontem a acompanhar uma reportagem sobre o vosso país que o Diário Popular está a publicar. Tenho devorado aquelas linhas como se necessitasse delas para compreender o meu papel no mundo, o vosso país proporcionou-me a mais rica e completa experiência que pude viver e participar até hoje. Foi com mágoa que li, que os operários da construção civil que constroem as estradas tão necessárias ao desenvolvimento e à reconstrução do vosso país, ainda morrem nas minas implantadas na vossa terra. Fui um dos ante-penúltimos responsáveis do campo de minas de Bissau (o que rodeia a cidade). Conhecia bem na carta e no terreno. Na manhã de 25 de Abril de 1974, retirei do campo um pé de um vosso compatriota, vítima de uma mina anti-pessoal.

Camaradas, termino esta carta, dizendo que sinto-me perto de vós. Quero e hei-de voltar à Guiné-Bissau.

CARLOS MANUEL XAVIER

Rua Aguiar, 168-r/chão — Barreiro Portugal

Zimbabwe Psicose da guerra

MAPUTO (TASS) — O regime ilegal da minoria branca na Rodésia sente um medo louco perante a luta crescente do povo de Zimbabwe pela liberdade, contra a dominação do racismo. Aterrorizados, os racistas transformam o país num verdadeiro campo militar, eles fomentam a psicose militarista.

Segundo as informações vindas de Maputo, os dirigentes de Salisbury anunciaram que vão aumentar em 40 por cento, no decorrer do actual exercício financeiro (que termina em 30 de Junho de 1977), os créditos militares e criar um fundo especial para a luta contra o movimento de libertação nacional da população Zimbabwe. Projecta-se igualmente aumentar em 25 por cento os créditos destinados à manutenção do aparelho de repressão policial.

Ao aumentarem os créditos militares, os racistas rodésianos esperam uma vez mais salvar o regime condenado de minoria branca. Os créditos militares suplementares serão utilizados antes de tudo para reforçar as medidas de repressão contra a população africana.

Agostinho Neto à "Afrique-Asie" "OS NOSSOS INIMIGOS ATACAM A PARTIR DOS PAISES VIZINHOS"

PARIS (AFP) — Numa entrevista exclusiva que publicou a revista «Afrique-Asie», o Presidente da RPA, Agostinho Neto, denunciou a existência de bases no Zaire, na Zâmbia e na África do Sul onde partem agressões contra o seu país.

«Sabemos que existem nas nossas fronteiras do norte, as de Cabinda, bases em território zaireta, donde partem os ataques contra o território angolano», declarou o chefe de estado angolano.

O Presidente Neto referiu-se igualmente aos elementos da Unita que, segundo ele, infiltram-se em território angolano a partir da Zâmbia e da África do Sul. O presidente da RPA indicou, por outro lado, que Angola «detém um milhão de prisioneiros da pretensa FLEC vindos do Zaire para cometer crimes» e centenas de prisioneiros em várias províncias do país, nomeadamente na região do centro que «é a mais afectada pelas incursões dos elementos da Unita».

Depois de ter evocado o processo de Luanda durante o qual foram julgados treze mercenários «agentes de uma ideia que lhes foi inculcada pelo imperialismo e os regimes racistas», o Presidente Neto abordou a questão de uma eventual retirada das forças cubanas de Angola.

«No plano político finalmente, o Presidente Neto estimou que «não pode existir em Angola um Estado sólido que não seja baseado no poder popular». Depois das eleições de 27 de Junho último, que se limitavam apenas às comissões populares dos bairros de Luanda, o presidente angolano precisou que serão feitas eleições em cada uma das províncias angolanas.

«Os cubanos regressarão todos ao seu país quando não tivermos mais necessidade deles», declarou ele antes de precisar: «Não teremos mais necessidade dos nossos camaradas cubanos quando as nossas forças armadas estiverem em condições de dominar as técnicas militares modernas, quando as FAPLA tiverem assimilado a técnica de funcionamento de armas sofisticadas e a condução de uma guerra do século XX».

Abordando em seguida os problemas económicos do seu país, o Presidente Agostinho Neto declarou nomeadamente «A nossa situação económica é complexa [...] mas as

PROXIMO GOVERNO EM PORTUGAL SEM PARTICIPAÇÃO DOS COMUNISTAS

LISBOA (AFP) — A alguns dias da sua designação como primeiro-ministro, Mário Soares reafirma, numa entrevista, a sua intenção de formar um «governo de esquerda» sem a participação comunista.

A atitude do Partido Comunista que considera que sem ele um governo não pode ser de esquerda é «dogmática e sectária», declarou o secretário-geral do PS à «A Capital». «Somos um partido de esquerda. Fala-se de linha de esquerda e de linha ortodoxa no seio do Partido Socialista, sublinhou, mas eu diria: é a linha de esquerda».

O dirigente socialista reafirmou, além disso, que nenhuma personalidade de envergadura nacional no seio do Partido colocou em causa o apoio dado ao general Ramalho Eanes, Presidente eleito. «Todas as personalidades identificadas com essas pretensas tendências, que, a meu ver, não existem, apoiariam com entusiasmo a sua candidatura».

O futuro primeiro-ministro precisou além disso, que as possibilidades independentes que, segundo toda a personalidade, farão parte

do seu governo, não pertencem ao PS, mas devem aprovar o seu programa.

COMUNISTAS NÃO APOIAM GOVERNO

O Partido Comunista não apoiará o governo socialista minoritário que Mário Soares deve formar, declarou o Comité Central do PC num longo documento consagrado à situação política, depois da eleição presidencial.

«Apoiado pelo Partido Democrático e o Partido do Centro Democrático Social, este governo, qual quer que seja o seu programa, praticará inevitavelmente uma política anti-operária e anti-popular, uma política de recuperação capitalista e imperialista», afirma o Comité Central do PCP.

Tem-se como prova «os brutais aumentos de preços e os impactos propostos recentemente pelos ministros socialistas e aprovados pelo sexto governo, contra os votos comunistas».

LISBOA (AFP) — O déficit da balança comercial de Portugal atingiu no primeiro trimestre de 1976 (15 bilhões 835 milhões de escudos, 2,4 milhões de francos) indicou o Instituto Nacional de Estatística. Todavia, devido as medidas de restrição das importações a taxa de cobertura das importações por exportação foi de 52,1 por cento em relação ao ano precedente. A tendência manteve-se em Abril em que a taxa de cobertura atingiu 64,3 por cento contra 46 por cento em Abril do ano passado.

Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas, o Mercado Comum Europeu continua o mais importante cliente de Portugal (44,3 por cento das importações e 50,8 exportações, contudo a balança portuguesa face ao Mercado Comum Europeu é deficitária em cerca de cinco bilhões; 907 milhões de escudos. A balança comercial portuguesa registou saldos positivos apenas nas suas trocas com a Suécia e com os países de economia planificada da Europa do Leste.

Luis Corvalan entrevistado "OS CARRASCOS MASSACRAM O POVO HEROICO DO CHILE"

ROMA (TASS) — A polícia secreta do ditador Pinochet continua a torturar os patriotas detidos nas suas prisões atroz, declarou Luis Corvalan, secretário-geral do Partido Comunista chileno, durante uma entrevista concedida ao jornal italiano «Corriere della Sera». «Muitos dos meus camaradas estão actualmente nas câmaras de tortura», notou ele. Um deles conseguiu ver Luis Lopez, membro do CC do PC do Chile, que se encontra na enfermaria da penitenciária. Os carrascos rebentaram-lhe o tímpano, o seu corpo está coberto de cicatrizes e de equimozes. Eles tratam também cruelmente os outros patriotas.

Desde há três anos que Luis Corvalan que está preso pela Junta chilena e dá provas de uma imensa coragem e sangue frio contactou «Corriere della Sera». Ele fala dificilmente de si próprio, considerando em primeiro lugar os seus companheiros de luta. Deve-se protestar constantemente, sublinhou Luis Corvalan e condenar os crimes da junta de Pinochet. «O mundo inteiro deve saber que os carrascos conti-

nuam a massacrar com violência o Chile, tanto como nos primeiros dias do golpe de estado fascista», acrescentou Luis Corvalan.

«Nestes últimos dias, a direcção da penitenciária mudou singularmente de atitude. Trazem-nos comida e trouxeram médico para os prisioneiros que necessitam de cuidados. Soubemos que o secretário-geral da Organização dos Estados Americanos tem a inten-

ção de visitar a prisão Pinochet esforça-se por esconder as condições de detenção de semanas na qual nós vivemos, todos estes anos».

Evocando a intenção da Junta de instaurar um processo contra ele e os outros patriotas, o secretário-geral do PC do Chile notou não que eles não tinham sido mesmo interrogados uma única vez. O processo que a Junta fascista se propõe organizar não é mais que uma imagem, sem defensores e mesmo sem acusados.

Luis Corvalan sublinhou o imenso apoio dado pela solidariedade internacional à luta corajosa levada à cabo pelos patriotas chilenos pela liberdade e a independência da sua pátria, o que lhes confere novas forças e a garantia da libertação do Chile.

REFORMAS NA ETIOPIA

MOSCOVO (TASS) — Mudanças notáveis processaram-se na Etiópia. Em 12 Setembro de 1974, o país acabou com o feudalismo. As forças progressistas dirigidas por oficiais de espírito revolucionário derubaram o regime monárquico.

O país teve que realizar a tarefa capital que consistia em liquidar as sequelas do feudalismo, dar uma resposta aos imperialistas, acelerar o desenvolvimento económico, e aumentar o nível de vida das largas massas de trabalhadores. O programa da revolução nacional democrática, tornado público recentemente pelo Conselho Administrativo Provisório da Etiópia, visa justamente atingir estes objectivos.

O povo etiópe registou sucessos notáveis nesta via. Os bancos e as companhias de seguro, as importantes sociedades industriais e comerciais foram nacionalizadas. As reformas atingiram o campo etiópe. A agricultura emprega perto de 90% da população, ele assegura 97 por cento do produto nacional bruto. Antes da queda da monarquia, praticamente todas as terras pertenciam aos feudais. Os camponeses deviam fornecer-lhes mais de três quartos da colheita.

A nacionalização de terras decretada pelas autoridades revolucionárias pôs termo à secular injustiça. Os camponeses receberam parcelas de terra. Foram organizadas explorações cooperativas em diversas regiões do país.

A campanha nacional «desenvolvimento por cooperação» desempenha um grande papel no plano político e social. Sob a direcção dos militares, mais de 60 000 pessoas — estudantes e professores — ensinam a ler e escrever aos camponeses, contribuindo para a elevação do seu nível político e cultural.

CONVENÇÃO SOBRE MERCENÁRIOS

MOSCOVO (TASS) — A comissão internacional encarregada de estudar os problemas do recrutamento de mercenários, de que fazem parte notável personalidades e juristas de numerosos países do mundo, elaborou um projecto de convenção internacional, tendo em vista prevenir e perseguir o alistamento de mercenários. Recordamos que a comissão tinha sido instituída por iniciativa do governo angolano.

LANSANA BEAVOGUI COMENTA CIMEIRA DA OUA

TANANARIVE (TASS) — A África independente está determinada em eliminar os vestígios do colonialismo e do «apartheid» no continente, declarou em Tananarive Louis Lansana Beavogui, primeiro-ministro da Guiné, ao comentar os resultados da 13ª assembleia dos chefes de estado e do governo da OUA que terminou na ilha Maurícia. O chefe de governo guineense aprovou a unanimidade manifestada pelos dirigentes dos países africanos independentes face a vários problemas importantes, nomeadamente, no que diz respeito à condenação do racismo e do sionismo. Mas disse que não foram devidamente resolvidos todos os problemas políticos e económicos.

REGIME RACISTA PROCURA AJUDA ECONÓMICA

LONDRES (TASS) — Owen Horwood, ministro das finanças do regime racista sul-africano, chegou em visita de uma semana, às ilhas britânicas. O objectivo desta visita é o de assegurar o auxílio dos magnates do mundo de negócios ingleses e, em particular, obter perto dos bancos um novo empréstimo de 100 milhões de dólares, ajuda com a qual a RSA espera limpar um pouco o imenso deficit da sua balança de pagamentos. O facto de emissário de Pretória ter chegado de mão estendida à Inglaterra não é fortuito. Esse país continua a ser o principal parceiro económico e comercial do regime racista de Vorster. Não fazendo caso da opinião mundial, que insiste no boicote e isolamento dos regimes racistas e as resoluções da ONU, os monopólios britânicos aumentam constantemente os seus investimentos na RSA. Nestes últimos tempos aumentaram, em média, 50 milhões de libras por ano, e representam actualmente cerca de 60 por cento de todos os investimentos estrangeiros neste país.

A AJUDA AMERICANA É DISCRIMINATÓRIA

LAGOS (TASS) — A «ajuda» económica dos Estados Unidos, aos países em vias de desenvolvimento tem um carácter discriminatório e representa um meio de pressão política sobre esses países, escreve o jornal nigeriano «West African Pilot». A título de exemplo, cita a decisão dos Estados Unidos em suspenderem a ajuda económica à Tanzânia e à Guayana, que votaram a favor da resolução da 30.ª sessão da Assembleia Geral da ONU sobre o sionismo, «forma de racismo e de discriminação racial» e que recusaram apoiar a posição de Washington na questão coreana.

SONDAGEM NOS E. U. A. SOBRE SEGREGAÇÃO RACIAL

NOVA YORK (TASS) — Os resultados da última sondagem organizada pelos serviços Harris, mostram que a sociedade americana continua profundamente dividida pelos preconceitos raciais. Só 28 por cento dos brancos pronunciaram-se a favor de uma «integração total» das raças, e 48 por cento dos americanos preferem que «a integração se limite só a algumas regiões».

JOGOS OLIMPICOS DE MONTREAL PRINCIPIAM NA PROXIMA SEMANA

BOICOTE DA TANZANIA E DA ILHA MAURICIA EM CUMPRIMENTO DE DECISÕES DA O.U.A.

Os Jogos Olímpicos, uma das maiores realizações desportivas a nível internacional, começam na próxima semana, em Montreal, no Canadá. No entanto, numerosos problemas surgiram à última hora, ameaçando o bom êxito da grande competição para desportistas amadores.

A Tanzânia e a Maurícia foram os primeiros países africanos a anunciar o boicote dos Jogos de Montreal. Motivo: a participação da Nova Zelândia, país que mantém relações desportivas com a racista República Sul Africana.

Por outro lado, o governo canadiano impediu que os atletas da Formosa participem representando a «República da China», pois o Canadá reconhece a República Popular da China como única representante do povo chinês. O Comité Olímpico Internacional aceitou já esta imposição do governo canadiano, mas os atletas da Formosa recusam-se agora a participar e os Estados Unidos ameaçaram, por seu turno, boicotar também os Jogos Olímpicos de 1976, de Montreal. Eis os últimos «telex» recebidos, sobre o assunto:

TANZÂNIA AUSENTE

DAR-ES-SALAM (AFP) — «Filbert Bayi, recordista do mundo dos 1500 metros, decidiu não tomar parte nos Jogos Olímpicos», escreveu no domingo o jornal governamental tanzaniano «Sunday News», acrescentando que Bayi apoiava a decisão do seu governo de boicotar os Jogos, devido à presença da Nova Zelândia, em Montreal.

Segundo este jornal, Bayi, que tinha grandes possibilidades de dar a sua primeira medalha de ouro olímpica ao seu país, deverá modificar, provavelmente, o seu programa de treinos.

A Tanzânia tendo decidido boicotar todas as manifestações desportivas nas quais participarão os neozelandeses, Bayi não poderá também correr em Filadélfia, imediatamente depois dos Jogos.

Por outro lado, o «Sunday News» publicou, no domingo, uma declaração do ministro tanzaniano da Cultura e Juventude, segundo a qual nenhuma personalidade desportiva irá a Montreal quando a Narcis Tarimo, árbitro internacional de boxe, que devia participar nos Jogos, será chamado ao seu país.

Por fim, segundo este jornal, o Comité Olímpico tanzaniano reuniu-se no domingo de manhã em Dar-Es-Salam, com todos os atletas e pugilistas que tinham sido seleccionados para Montreal.

FORMOSA AUSENTE

MONTREAL (AFP) — «Ou desfilaremos com a nossa bandeira, e sob a denominação de República da China ou nada», declarou no domingo, em Montreal, Eugene Shu, membro da Formosa, do Comité Internacional Olímpico. «Como a do governo canadiano, a nossa posição não é negociável», declarou aos membros da Comissão Executiva do CIO, soube-se de fonte segura.

A Comissão Executiva do CIO negociou desde domingo de manhã com os desportistas na base das «propostas interessantes e positivas» transmitidas no sábado pelos dirigentes do CIO à delegação do governo canadiano, dirigida por André Bissonnette, sub-secretário de estado adjunto dos Negócios Exteriores.

No sábado, as autoridades canadianas tinham reafirmado que em nenhum caso aceitarão que os atletas da Formosa participassem nos Jogos com o nome de «República da China», considerando que a China Popular de Mao Tse-Toung é o único representante legal do povo chinês.

Shu, precisa a mesma fonte, segura, queixa-se igualmente de estar completamente isolado no hotel «Rainha Isabel», sede do CIO. Além disso, afirmou, está mesmo proibido de telefonar do exterior.

PRIMEIRAS PROVAS PRÉ-OLÍMPICAS

O queniano John Ngeno, 13' 20" 6/10 nos cinco mil metros, e a australiana Raelene Boyle, 22" 6/10 nos 200 metros, foram as vedetas do primeiro «meeting» pré-olímpico de atletismo, organi-

zado no sábado à noite, em Montreal.

Nos cinco mil metros, animado por dez corredores africanos, a grande esperança queniana, John Ngeno, de 23 anos, alcançou uma bela vitória nos últimos 400 metros, onde se impôs ao etíope Mohamed Yohanne (13' 21" 4/10).

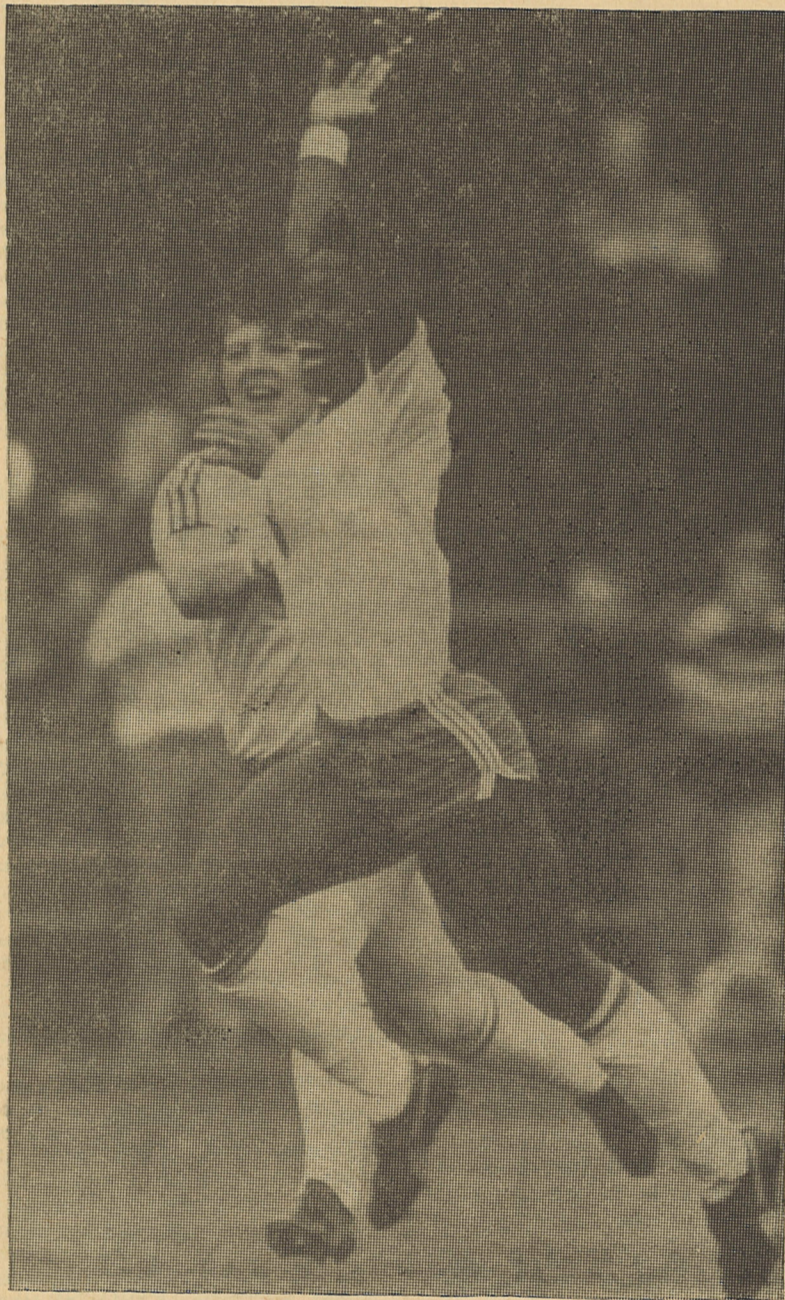
Os seus 13' 20" 6/10 situam Ngeno no nono lugar da hierarquia mundial de 1976, depois dos fantásticos cinco mil metros de Estocolmo ganho pelo neozelandês Dick Quax em 13' 13" 2/10.

Pelo seu lado, o etíope Yohanne anuncia-se como um pretendente

do custado a vida a 16 pessoas, das quais 11 desportistas israelitas. Os responsáveis da polícia de Montreal aproveitaram as lições.

Durante quatro anos, elaboraram todas as medidas necessárias para que não se repartisse um caso parecido.

Seis mil polícias da cidade de Montreal, da Segurança de Quebec e da polícia real canadiana foram mobilizadas para assegurar a segurança dos Jogos. Para os ajudar, nove mil soldados das forças canadianas, dos quais seis mil e quinhentos foram anexados à guarda da aldeia, foram enviados a Mon-



sério nos três mil metros barreiras, a sua distância de predileção, onde já conseguiu 8' 19" 4/10.

A australiana Raelene Boyle, medalha de prata, em Munique, nos 100 e 200 metros, confirmou terá que se contar ainda com ela. Alcançou a medalha em 22" 6/10.

Um facto a sublinhar, uma neozelandesa, Diane Zorn, disputou os 1500 metros ao lado de uma queniana, Rose Tata.

MEDIDAS DE SEGURANÇA

Decorreram quatro anos desde o ataque à aldeia olímpica por um comando de palestinianos, que terminou num banho de sangue, ten-

O visitante ou o atleta passa por um portão munido de um aparelho detector de armas, como o que se encontra em todos os aeroportos.

Para aceder à zona residencial, é preciso passar pelos mesmos controlos. E condição possuir uma carta de residente, ou passe especial entregue a algumas personalidades desportivas ou, por tempo limite, a alguns jornalistas com autorização de um chefe de delegação.

Os quatro prédios em forma de pirâmide incompleta e com a altura de 18 andares, onde vão viver cerca de onze mil habitantes da aldeia, compõem a zona residencial. Os serviços de segurança não permitem o acesso aos apartamentos a não ser aos residentes.

Esta vigilância exercida, sem intervalo tanto de dia como de noite, é levada a cabo por polícias e militares afáveis, mas que não admitem atentados à sua dignidade.

As mesmas medidas rigorosas são tomadas nos 27 estádios de treinos, nos 13 lugares de provas (onde não está autorizado nenhum contacto com os atletas) e na entrada do hotel, onde vivem e trabalham os dirigentes do CIO. Os responsáveis da segurança afirmam que fizeram tudo para eliminar as possibilidades de um atentado ou uma prisão de reféns, e que a sua vigilância não afrouxará até à partida do último atleta.

MAURÍCIA AUSENTE

A ilha Maurícia é o segundo país africano, depois da Tanzânia, a retirar-se dos Jogos Olímpicos de Montreal para protestar contra a presença de nova Zelândia. Foi Monique Berlioux, directora do Comité Internacional Olímpico que anunciou o abandono da ilha Maurícia no domingo à tarde. Dois atletas mauricianos tinham sido chamados a participarem nos Jogos.

Como a Tanzânia, a ilha Maurícia aplica assim as recomendações da última cimeira da Organização da Unidade Africana, que se realizou em Port Louis, capital deste estado africano. A OUA pretende denunciar as relações desportivas da Nova Zelândia com a África do Sul, que segundo a OUA, encontra-se assim «furando» a política de «apartheid».

Trabalho voluntário

(Continuação da pág. 2)

gnificado do trabalho voluntário e a necessidade de o levar avante para o desenvolvimento da produção no país. O camarada Mamadú Dabó, presidente do Comité de Estado do sector de Prábis, também falou aos presentes: agradeceu a participação de todos em resposta ao apelo lançado pelo Estado.

O trabalho voluntário no campo de Prábis, mudou o domingo dos funcionários públicos. Eles aprenderam, através de uma iniciativa política, como são formadas as cooperativas agrícolas. Por isso, este não será apenas o primeiro trabalho voluntário organizado pelo comité da região de Bissau. As pessoas estão dispostas a repetir essa jornada uma vez por semana e já está prevista para todos os domingos de manhã, a realização de tarefas voluntárias em todos os sectores da região de Bissau.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

C. O. I. CAPÍTULA

MONTREAL (AFP) — A comissão executiva do Comité Internacional Olímpico (CIO), decidiu no passado domingo recomendar à sessão plenária do CIO, terça-feira, que os jogos olímpicos desenrolar-se-ão como o previsto, apesar do problema sempre em suspenso da participação de Taipé declarou Lord Killanin.

Depois de ter «vivamente» condenado num comunicado a decisão do governo canadiano de impedir a entrada no Canadá da equipa do comité olímpico nacional de Taipé, a comissão executiva precisou entretanto: «Todavia, na medida em que atletas de mais de 100 países prepararam-se há anos para participarem neste grande acontecimento da juventude mundial, a comissão executiva não tem outra escolha do que recomendar à 78.ª sessão da CIO a realização normal dos jogos».

Analisando imediatamente as consequências do que ele estima ser «uma capitulação» da CIO perante o governo canadiano, Lawrence Ting, vice-presidente do comité olímpico de Taipé, indicou que «os dirigentes e os atletas da República da China boicotarão os jogos se a sessão plenária da CIO aprovar as recomendações da sua comissão executiva que pede aos taiwaneses para desfiliarem depois da cerimónia da abertura com a bandeira olímpica a tremular».

MANIFESTAÇÕES EM ESPANHA

PAMPLONA (AFP) — Várias pessoas foram feridas e muitas outras foram presas anteontem durante violentas manifestações em favor da amnistia, em Pamplona.

Os confrontos de uma grande violência deram-se durante várias horas entre as forças da ordem e vários milhares de manifestantes que responderam ao apelo das organizações de esquerda.

DIPLOMACIA EGÍPCIA

CAIRO (AFP) — O Presidente Sadate e o seu mais próximo colaborador Hosni Mubarak, vice-Presidente da República, visitarão brevemente numerosos países africanos, indicou o diário «Al Ahram».

O jornal precisou que a viagem de Mubarak começará por uma visita oficial a Angola, a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros deste país. O convite foi transmitido a Mubarak, segundo o diário, quando do recente encontro dos dois ministros em Port-Louis.

«Al Ahram» julga igualmente que o presidente Sadate encarregará o seu colaborador de ir a vários países africanos e que ele próprio efectuará uma digressão em África a fim de que os dois responsáveis visitem, segundo o jornal, «o maior número de países africanos».